



HIP HOP CONTA HISTÓRIA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO DA HISTÓRIA DE LONDRINA, A PARTIR DA VILA CULTURAL FLAPT!

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3621

Priscila Rosalen Pasetto de Almeida, UEL

Resumo

Este presente artigo tem como objetivo discutir e problematizar a Vila Cultural Flapt! – objeto de pesquisa –, como nosso ponto de partida para o estudo das identidades e memórias locais, da cidade de Londrina; costurando e dialogando com os usos metodológicos da abordagem da micro-história. Pretende-se mostrar as cores de um trabalho pensado e escrito a partir de uma metodologia histórica específica, ancorada em parceria a uma produção cultural na vila. Esta última – ou o trabalho de pesquisa –, irá se consolidar por meio de oficinas educativas realizadas com jovens da periferia do município, e cujos resultados tornarão parte de uma exposição de arte. Para que tais propósitos sejam cumpridos, a discussão recorrerá ao autor Edward Thompson (1998) para debater conceitos – como o de cultura – e possíveis sistêmicas de análises de fontes históricas. Por outro lado, os trabalhos de Natalie Davis (1987), Ronaldo Vainfas (2002) e Jacques Revel (1998), serão utilizados para explicar como a micro-história possibilita a discussão das fontes e do objeto aqui elencados. Por fim, serão levantadas algumas indagações com o intuito de nortear e refinar as investigações deste prelúdio de produção historiográfica. Destaque também será dado à criação de fontes como uma possibilidade de nossa ação ser também participativa; e que gere democratização ao ampliar – no tempo e no espaço – a consciência histórica destes sujeitos periféricos, como atores sociais da cultura, da memória e da história de Londrina.

Palavras Chave:

Vila Cultural Flapt!;
Práticas Culturais;
Micro-História.

Introdução/Justificativa

Começo apresentando o objeto aqui estudado. A história da ONG e Vila Cultural Flapt! – nome inspirado em uma onomatopeia e que reflete afinidade com temas ligados à literatura, como o “som” de uma página virando – iniciou-se em 2001, com o empenho de alguns ilustradores e professores universitários, para a formação da Gibiteca de Londrina – espaço de criação de gibis, oficinas de desenho, diagramação e de leitura (GIBITECA de Londrina, 2016). A concepção e publicação de quadrinhos da série *Vampiria*, é um exemplo do que era lá produzido; os HQs – cujo título é, também, nome da personagem principal – contam uma outra, e juvenil, versão da história da fundação da cidade, provocando uma reflexão crítica sobre as origens dos povos que ajudaram a construir Londrina (BISSONI, 2011). Após inúmeros outros projetos educativos desenvolvidos, a instituição passou por algumas mudanças no ano de 2009, dentre as principais, a ida para região norte da cidade e da admissão da Prof.^a Dr.^a Elena Andrei como principal gestora.

Desse modo, a partir do estreitamento dos laços com a comunidade periférica, percebeu-se a necessidade de um espaço cultural que trabalhasse com o empoderamento de jovens e crianças, principalmente, negras. Por meio do viés da cultura popular e da periferia londrinense, suas atividades formativas estenderam-se a inúmeras outras, como: aulas de capoeira, forró, Hip Hop, teatro; além de um clube do livro, uma ludoteca e uma biblioteca comunitária voltada às publicações sobre a cultura popular brasileira, com especial atenção para a influência da cultura afro-brasileira (GIBITECA de Londrina, 2016).

Em 2015, a instituição ocupava a Associação dos Moradores do Conjunto Aquiles Stenghel, quando realizou o

projeto *Boi de Mamão: memória viva de Londrina* – a versão do Bumba Meu Boi da região Sul –, com o objetivo de salvaguardar e festejar a tradição do folguedo, que vinha perdendo força e prática na região. Como resultado das práticas e festas do boi, a vila fundou uma companhia de teatro formada por professores da Flapt!, a *Cia Boi Voador* (GIBITECA de Londrina, 2016). Porém, em agosto daquele mesmo ano, a professora e idealizadora desses novos projetos, Elena, faleceu; e alguns problemas foram desencadeados. Editais e financiamentos – como o PROMIC – que mantinham as atividades da vila foram perdidos e, conseqüentemente, ocorrendo novamente necessidade de mudança de espaço.

No início de 2016, a vila se mudou para Associação de Moradores do Conjunto Luiz de Sá, cedido em parceria com o CRAS – Centro de Referência da Assistência Social –, da região norte. Outra parceria importante feita recentemente, já em 2017, foi com produtores culturais do bairro que organizam, e tem ocupado semanalmente a Flapt!, a “Batalha do 5” – batalha de rimas, que leva o nome popularmente dado aos primeiros conjuntos habitacionais da região norte da cidade. Em consequência destas, a partir da nova frequência de usuários, produtores e de eventos da vila, surgiu a vontade de acrescentar a sua programação, atividades que contemplem o novo espaço e moradores.

Objetivos

Devido ao envolvimento da aluna com a vila durante esse processo de reestruturação da mesma, este projeto de mestrado dedica-se, como um de seus objetivos específicos, a apresentar uma proposta de trabalho que vinculasse pesquisa e ensino em História com as necessidades da Flapt! e da comunidade da qual ela representa. Partindo da premissa da vila como objeto de pesquisa, entre os meses de agosto e setembro – de 2017 –

serão ofertadas oficinas culturais e educativas a jovens estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Ubedulha, que problematizem a história de Londrina e suas identidades, a partir da linguagem do Hip Hop – cuja é fortemente presente na região. Através de uma metodologia teórica e prática, pretendemos: analisar as proximidades e distanciamentos dos moradores do Luiz de Sá com o passado e a história da cidade; observar quais são as identidades destes habitantes que conflitam e dialogam entre si, problematizando-as por meio da Flapt!; e, por fim, refletir e, se possível, indicar em quais momentos e por onde estas identidades restringem-se e/ou ultrapassam os limites do perímetro geográfico do bairro e do município.

Durante as oficinas, serão produzidos mapas, entrevistas, rimas, *beats*, fotografias, vídeos e artes gráficas do Hip Hop – como lambe-lambes, *stickers*, *graffiti* – enquanto documentos históricos que expressem, situem e dialoguem as relações dos jovens participantes com o outro e com o bairro. Seus resultados tornarão exposição de arte no espaço da Flapt! no final do mesmo ano – juntamente com as efemérides do aniversário de Londrina –, assim como em fontes analisadas na produção escrita desta pesquisa. Exposição também no sentido de alertar e tornar público os dilemas do tempo presente que fazem parte das realidades dos mesmos, quais são as respostas que estes estão dando, quais são os seus julgamentos morais. Assim, a partir dos dilemas e da consciência moral¹ destes jovens, podemos intervir com o conhecimento histórico – durante as oficinas e materializado na exposição –, estimulando a sensibilização e reconhecimento da diversidade, ou as identidades.

Resultados e discussão metodológica

Como ainda não possuímos as fontes – que serão produzidas – deste trabalho, para que uma breve análise das mesmas possa ser realizada; introduzirei, na sequência, as discussões metodológicas que ancoram nosso embasamento teórico, a fim de levantar algumas questões possíveis por hora.

Pois bem. Nosso objeto – a Flapt! – será estudado a partir da corrente historiográfica da micro-história que, proposta pelos herdeiros da Escola dos Annales, da Nova História, pretende responder às exigências contínuas de uma reflexão sistemática sobre os métodos e o lugar da teoria na produção do conhecimento histórico. Para que esta análise possa ser feita, recorrerei aos autores Jacques Revel (1998), Ronaldo Vainfas (2002) e Natalie Davis (1987).

[...] a micro-história nasceu como uma reação, como uma tomada de posição frente a um certo estado da história social, da qual ela sugere reformular concepções, exigências e procedimentos. Ela pode ter, nesse ponto, valor de sintoma historiográfico (REVEL, 1998, p. 16).

É neste quadro de crítica da tradição herdada que a micro-história emerge, apontando novas possibilidades para o trabalho do historiador que, ainda reafirmando a história como social, procura sofisticar e redimensionar a pesquisa a partir de procedimentos que questionam as antigas concepções da história social – como a história dos grandes acontecimentos e personagens históricos. Concernente à nova proposta, percebemos que o que está em jogo pelo par de oposições macro e micro – e segundo as perspectivas esposadas pelos

¹ Trabalho a partir de dilemas e da consciência moral proposta por Jean Piaget em seu estudo intitulado *Os procedimentos da Educação Moral*.

PIAGET, Jean. Os procedimentos da Educação Moral. In: **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo : Casa do Psicólogo, 1999.

autores dos ensaios selecionados por Revel –, não é apenas uma mera diferença de escala tomada para a análise dos fenômenos históricos, mas um redimensionamento de objetos e questões que põem em dúvida as certezas estabelecidas pela história social de corte marcadamente macro-estrutural. Reforçando,

A abordagem micro-histórica é profundamente diferente em suas intenções, assim como em seus procedimentos. Ela afirma, em princípio que a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento. Variar a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama. (REVEL, 1998, p. 20)

Sendo assim, a Flapt!, a partir da concepção das escalas, será proposta como ponto de partida ao entendimento do desenrolar da trama histórica da cidade de Londrina e, ao longo de sua observação, poderá chegar-se à compreensão dessa trama, a partir da observação do individual ou do grupo – que neste caso, são os jovens moradores do Luis de Sá e estudante do colégio Ubedulha– em si. Esta afirmação contém dois pontos importantes que afunilam à premissa deste trabalho. O primeiro, ao redimensionar o objeto histórico à Zona Norte, grande casa dos migrantes comuns – os sem “nomes”, os “protagonistas anônimos” (VAINFAS, 2002), os “antônimos” dos *pioneiros*² –, pressupõe-se utilizar da micro-história para repensar a história “oficial” da cidade, voltada aos grandes nomes, lugares e acontecimentos, e reafirmada pelas narrativas dos antigos e

tradicionais jornais, museus, patrimônios e instituições culturais de Londrina. Ao passo que, também, têm-se a intenção de uma tentativa de mudar os lugares e documentos que normalmente procuramos quando pensamos na história do município – uma pequena e nova Vila Cultural no meio da periferia pode ser, como é, um local fecundo ao aprendizado histórico.

Continuando neste sentido – apesar de fugir um pouco do viés da micro-história –, o próximo autor que citarei, também trabalha com este método vertical e incisivo recorte de objeto. Ao se utilizar da análise cultural para o levantamento de novas problemáticas e abordagens historiográficas, através do livro *Costumes em comum* (1998), Edward Thompson adentra no cotidiano das massas por meio da sondagem de costumes e pessoas comuns – dos camponeses, em específico –, como ponto de partida para entender estruturas maiores – como políticas, econômicas – da sociedade inglesa proto-industrial.

Este livro é uma obra de ensaios, ou teia de costumes, culturas e tradições populares inglesas do século XVIII. O historiador marxista trabalha com os conceitos de costume e cultura, como somente compreendidos se contextualizados e levados em consideração as transformações históricas, e analisados empiricamente num recorte de tempo e espaço. Seu objetivo é desvelar as formas do povo inglês agir, negociar, fazer escolhas autônomas em um contexto de resistências e acomodações das tradições e da emergência de mudanças comportamentais; assim como colocar as camadas populares como protagonistas, enquanto sujeitos históricos, com mudanças racionais, autônomas e muitas

² A representação do pioneiro na cidade de Londrina – que por um vasto conjunto de significados, situa-se entre um bandeirante moderno e o militar, explorador de sertões, entre os heróis nacionais e o herdeiro das raças que pertenciam – buscou não apenas legitimar os

novos grupos dominantes – os cafeicultores –, mas também reordenar o território sócio-político e econômico local e ansiar representação política a nível estadual e federal (ARIAS NETO, 1998, p. 68-76).

vezes coerentes. E para além das análises marxistas ortodoxas – que a explicam como simples desdobramentos das relações bases/estruturas –, o autor entende o conceito de *cultura* como algo dinâmico e em construção pela interação da relação dos fatores sociais, políticos e econômicos. Para ele, cultura é sinônimo de *lôcus* de tensão entre disputas e acomodações de poder entre as elites e as massas (WEBER, 1999).

Recortarei o livro e a discussão aqui proposta, por meio do capítulo intitulado “*Rough Music*”. *Rough music* é um termo genérico – pois representava formas de ritual variadas – do fim do século XVI, que denota uma cacofonia rude, empregada para dirigir zombarias ou hostilidades contra indivíduos que desrespeitavam certas normas morais e vigentes da comunidade. Apesar de sua manifestação diversa desencorajar qualquer tentativa de propor uma função isolada, algumas propriedades básicas sempre eram encontradas, como: barulhos estridentes, risos desapiedados e mímicas obscenas (THOMPSON, 1998, p. 353).

Segundo o autor, as evidências que as formas oferecem, este conseguiu esboçar algumas conclusões. Dentre elas, tais manifestações poderiam ser uma espécie de teatro de rua, cuja função era divulgar um escândalo que infringisse a moral da época – como exemplos, traições, maus tratos dos homens com esposas e crianças. Eram, sobretudo, processionais, e parodiavam o cerimonial das procissões do Estado, da lei, das cerimônias cívicas e da Igreja; não eram simplesmente zombarias e, talvez, procurassem legitimar a autoridade. Parafraseando o autor, suas formas são parte de um vocabulário específico de um certo tipo de sociedade, disponíveis à todos e que serviam para a enunciação de sentenças (THOMPSON, 1998, p. 357).

Semelhante as mudanças de escalas propostas pelas análises da micro-história, este olhar particular a *rough music* – o micro –, com o objetivo de entender

as negociações e escolhas daquela sociedade inglesa de outrora – o macro –, nos reafirma que tal verticalização aprofunda e enriquece nosso estudo; além de abrir nosso horizonte de possibilidades e protagonismos a serem pesquisados na História. Num segundo sentido, podemos cruzar as análises de tal manifestação com a nossa escolha de se trabalhar com o movimento Hip Hop. É possível investigá-lo como um campo de tensão – literalmente – entre as normas vigentes e de exclusão geográfica e de oportunidades – entre tantas outras – nas periferias das cidades contemporâneas; e de conflito, também, no sentido das consonâncias entre as demais manifestações culturais – nacionais e internacionais – entre os gêneros musicais e artísticos, entre os adeptos do movimento. Assim sendo, nossa proposta de se estudar a história de Londrina e suas identidades a partir do Hip Hop, não negligencia as constantes negociações que este faz, muito menos o reduzirá só em linguagem das oficinas. Tomando como exemplo o olhar do autor para *rough music*, não se terá o objetivo de propor uma função específica e isolada ao movimento Hip Hop, mas sim, apontar suas múltiplas interpretações, já que se trata de algo dinâmico, fluído – movimento –, como as demais manifestações da cultura.

Ainda no que diz respeito ao alargamento tipológico das fontes, discutiremos mais profundamente a abordagem da micro-história a partir do livro *O retorno e Martin Guerre*, da historiadora Natalie Davis (1987), cruzado com as contextualizações e análises do mesmo feitas pelo autor Vainfas (2002).

“Nada seria mais fiel à micro-história do que apresentar sua face mais nítida por meio da exposição de enredos”, afirmou Ronaldo Vainfas (2002, p. 77) ao interpretar a construção narrativa do livro de Davis (1987), como metodologia da micro-história. Em resumo, ao trazer para a esfera da análise historiográfica o caso do camponês Martin Guerre, que em pleno

século XVII, após casar-se com a jovem Bertrande de Rols e declarado impotente, abandonou a esposa e a aldeia de Artigat, no sul da França. Martin conheceu Arnauld Du Tilh – eloquente, amigo dos vinhos e bordéis – em serviço de armas ou em algumas de suas perambulações. Ao passo que, após algum tempo e trocas de intimidades, acaba tendo o seu lugar ocupado em Artigat por Arnaud, o impostor, que lhe roubara o nome, a esposa e a posição. O desmascaro apenas aconteceu três anos depois do seu “retorno” à cidade, onde foi preso e condenado à morte, confirmado pela reaparição do verdadeiro Martin Guerre (DAVIS, 1987).

Narrativa tanto quanto novelesca, ela mescla ficção e escrita da história de modo que, durante a leitura, são menos frequentes os parênteses analíticos encontrados – do que normalmente são colocados em um livro de História –, e a própria história é mais miúda. Contudo, apesar dos ares ficcionais, compartilho da conclusão de Vainfas, de que este exemplar se trata claramente de um livro de micro-história. Davis, através de sua pesquisa especulativa e escrita minuciosamente detalhada e descritiva, transporta o leitor ao ambiente camponês da França quinhentista, aos modos de viver, aos papéis e hierarquias sociais, as crenças populares, as guerras de religião, etc. (VAINFAS, 2002, p. 84).

Como prática da micro-história, nenhum aspecto da vida camponesa é estranho à curiosidade e ao registro da historiadora; e, de maneira conjectural, ela vai levantando inúmeras hipóteses quando não se pode afirmar com certeza, seja pela escassez de evidências ou fontes primárias. Seleciono aqui um trecho que exemplifica estas últimas afirmativas, onde a mesma sugere que a posição de Bertrande como cúmplice do novo Martin, talvez, esteja pela inclinação de ambos para o protestantismo.

Quais são as provas de que nosso casal inventado tinha sido tocado

pela nova fé? [...] Quanto ao novo Martin, duvido que em sua chegada a Artigat já viesse penetrado pelo novo Evangelho. [...] Eu me inclinaria antes a pensar que foi em Artigat que seu espírito se abriu às novas ideias, onde a vida que construía para si operava como uma conversão, afastando o blasfemador, o rapaz de “má vida”, se não totalmente trapaceiro. E [...] que esperança oferecia a mensagem protestante ao novo Martin e Bertrande durante os anos que viveram juntos como “verdadeiros casados”? A de poder contar sua história a Deus, sem intermediários. [...] (DAVIS, 1987, p. 68-69).

Tais suposições sobre esta conversão religiosa do casal e, conseqüentemente, indício de tal cumplicidade, são, notavelmente, embasadas por documentos jurídicos e eclesiásticos das quais a autora referência em notas de rodapé e pelas suas hipóteses fundamentadas. Como percebeu Vainfas, suas presunções são ancoradas em uma pesquisa exaustiva de fontes, por vezes muito variadas, combinadas às narrativas e descrições dos casos, e demonstradas empiricamente e esmiuçada nas evidências privilegiadas por meio de um discurso literário. Assim, a autora cede vasta munição aos críticos da micro-história ao admitir que, quando não encontrava em fonte direta o homem ou mulher que procurava em pesquisa, buscava em outros lugares os indícios de como teriam agido (VAINFAS, 2002, p. 101-102).

Dou um passo atrás, e busco novamente Thompson (1998), para complementar a discussão do levantamento de hipóteses. Ainda no capítulo “Rough Music”, na intenção de encontrar sentidos que explicassem os porquês desta manifestação ter ocorrido, o autor cita algumas teorias que relacionam seu surgimento ao declínio dos tribunais da Igreja no final do século XVII; porém, o mesmo adianta que tal hipótese não pode ser testada, muito menos fundamenta seu vigor como sinal da

regulação eclesiástica pela auto-regulamentação comunitária. Contudo, ela não deixa de aparecer em sua narrativa, ao passo que esta anuncia as perguntas que o mesmo sugere que possam – como devem – ser feitas a partir das fontes disponíveis: nas sociedades católicas que mantinham as procissões e os festivais da Igreja e do Estado, as paródias conservavam por mais tempo sua elaboração? Ao passo que seu declínio pode estar associado à diminuição destes na Inglaterra protestante? Segundo Thompson, as duas conclusões são possíveis (THOMPSON, 1998, p. 363).

Estes dois exemplos e aulas de métodos nos fazem refletir sobre a importância de tentarmos esgotar em perguntas e maneiras de assistirmos às fontes. Afinal, a história por nós, pesquisadores, contada é, também, a história como as fontes nos permitem contá-la. Deste modo, trazendo tal questão à baila deste projeto, as especulações sobre as identidades representadas pelo nosso objeto de pesquisa, a Flapt!, e seu contexto espacial, a periferia, são muitas. Como localizar estas identidades? Quais são? Com quem e por quais meios estes jovens se sentem pertencentes de um grupo, do bairro e da cidade? Como analisam suas experiências como seres históricos? Quais são as participações do movimento Hip Hop nestas experiências? Como elas se constroem? E como e por onde a Flapt! têm atuado como lugar de representação dessas manifestações das culturas? Talvez não consigamos responder todas estas, mas, como aprendido com Davis (1987) e Thompson (1998), não podemos deixar escapar nenhuma pergunta.

Considerações finais

Contudo, ainda movidos mais por curiosidades que incertezas, sempre procuramos respostas. Por onde? Como? Ou como perguntou Davis,

Mas como fazem os historiadores para trazer à superfície tais informações das profundezas do

passado? Esquadrinhamos as cartas e os diários íntimos, as autobiografias, memórias e histórias de família. Examinamos as fontes literárias – peças teatrais, poemas líricos e contos – que, quaisquer que sejam suas relações com a vida real dos indivíduos, mostraram-nos os sentimentos e reações que os atores consideravam plausíveis num determinado período (DAVIS, 1987, p. 17-18).

Acrescentando à citação acima, como os camponeses do século XVI não sabiam escrever, deixaram poucos documentos sobre sua vida privada; ao passo que algumas fontes literárias, estavam reservadas estritamente às comédias. Como alternativa, a autora encontra seu grande novelo de lã nos processos verbais de diversas jurisdições criminais da época, dos quais a ajudam a tecer suas suposições sobre o mundo que devem ter visto, quais possíveis reações podem ter tido, etc. (DAVIS, 1987, p. 18-19). Sendo assim, a autora traça seu caminho de pesquisa historiográfica, através da multiplicidade das fontes que podemos recorrer, acessar e – por que não – criar. Por hipóteses ou fatos, a mesma assumi, sem problemas, que, nas palavras dela, “o que aqui ofereço ao leitor é, em parte, uma invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escuta das vozes do passado” (DAVIS, 1987, p. 21).

É por este gancho que volto à análise deste trabalho como pesquisa da micro-história. Como não teremos fontes primárias que elucidam os universos identitários e as memórias particulares e coletivas, daqueles jovens cidadãos moradores do Luiz de Sá e de Londrina; criaremos, juntamente com os mesmos, nossas fontes para que a pesquisa possa ser estudada e concluída. Podendo, assim, explorar a transformação da identidade em documento a partir da perspectiva histórica, como criativa, participativa e que gera democratização ao ampliar, no tempo e no espaço, a consciência histórica destes sujeitos como atores sociais da cultura, da

memória e da história de Londrina.

Além da criação das fontes através das oficinas e, posteriormente, postas em exposição, estas cruzarão com informações adquiridas a partir de um levantamento da documentação da Flapt!, da qual inclui: papéis da criação da Gibiteca de Londrina e, posteriormente, da Flapt!, portfólios, atas de reuniões, projetos apresentados à editais de leis de incentivo – como o PROMIC –, documentação sobre as Vilas Culturais de Londrina – presente na Secretária de Cultura –, e suas publicações, como livros e HQs. Ou seja, acreditamos nesta verticalização investigativa pelo método, e na horizontalização pela ampliação do *corpi* documentais – que, como lembrou Vainfas (2002, p. 103), acrescenta mais detalhes a vida dos personagens estudados –, sem perder rigor com as fontes.

E como apontou muito bem Davis (1987) das “invenções” do historiador, concluo este texto assumindo as minhas. Invenções não no sentido de inventar fatos. Mas, esclarecer que, mesmo movidos pela intenção de dar vida a personagens esquecidos e desvelar enredos e sociedades ocultados pela história geral, através das mínimas evidências que a documentação pode fornecer (VAINFAS, 2002, p. 103); não podemos nos esquecer das nossas interferências e filtros que nós, enquanto historiadores, colocamos quando selecionamos fontes, pensamos, levantamos hipóteses, escrevemos. A multiplicidade das fontes é diretamente proporcional a diversidade das formas que

a História pode ser contada. Este aqui é apenas um projeto e possibilidade de reflexão dela.

Referências

- ARIAS NETO, J. M. **O Eldorado:** representações da política em Londrina. Londrina: Ed. UEL, 1998.
- BISSONI, Mikael. **Vampira.** Londrina: Flapt!, v. 01, 2011. *Graphic Novel.*
- DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIBITECA de Londrina. **Quem somos.** Disponível em: <<http://gibitecadelondrina.blogspot.com.br/p/quemsomos-flapt-e-uma-instituicao-sem.html>>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- PIAGET, Jean. Os procedimentos da Educação Moral. In: **Cinco estudos de educação moral.** São Paulo : Casa do Psicólogo, 1999.
- REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- VAINFAS, Ronaldo. **Micro-historia: os Protagonistas Anônimos da História.** Rio de Janeiro: Editora Campos, 2002.
- THOMPSON, E. P. Rough Music. In: **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WEBER, Regina. THOMPSON, E. P. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 528 p. Horiz. antropol. [online]. 1999, vol.5, n.10 [cited 2017-08-05], pp.308-309. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831999000100308&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-7183. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831999000100015>.